

ARTE, LAZER E JUVENTUDE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SOCIAL

Iranilda Oliveira de Medeiros

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH/USP

iranildamedeiros@gmail.com

Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH/USP

repacheco@usp.br

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo identificar se a participação de jovens das camadas populares nos projetos de arte e educação social de uma organização do Terceiro Setor em seu tempo de lazer os influenciou a se apropriarem da arte, inclusive como forma de lazer. Para tanto, adotou-se como metodologia uma pesquisa qualitativa, com enfoques bibliográfico-documental e de campo. Com a análise dos dados, percebeu-se que tais iniciativas exercem forte influência para a apropriação da arte por parte dos sujeitos estudados. Entretanto, os interesses desses jovens quanto à arte são diversificados, podendo ser entendida como trabalho, como lazer ou como instrumento de transformação social. Uma das dificuldades percebidas foi a manutenção do espaço ainda prioritariamente ligado ao orçamento público.

Palavras-chave

Juventude; Lazer; Arte; Educação.

Abstract

This article aims to identify if the participation of young people from the popular strata in projects of art and social education of a Third Sector organization in their leisure time, influenced them to appropriation' art, even as a form of leisure. For that, a qualitative research was adopted as methodology, with bibliographic-documentary and field approaches. With the data analysis, it was noticed that such initiatives exert a strong influence on the appropriation of the art by the studied subjects. However, the desires of these young people in art are diversified, and can be understood as work, as leisure or as an instrument of social transformation. One of the perceived difficulties was the maintenance of the space still primarily linked to public funding.

Keywords

Youth; Leisure; Art; Education.

1. Introdução

O presente estudo tem sua motivação na vivência de uma das autoras como participante e gestora nos projetos de uma organização do terceiro setor que trabalha com atividades artísticas e educação social na periferia de Mauá, cidade da Grande São Paulo. A experiência possibilitou observar o engajamento dos jovens neste tipo de iniciativa de projetos que envolvam juventude, arte e educação não formal. Dessa forma, procurando compreender essa relação entre arte, lazer e educação social para a juventude, a pesquisa se debruça sobre uma organização do terceiro setor que trabalha com atividades de cunho artístico, dentro de um bairro periférico, na cidade de Mauá – SP, atendendo a crianças, adolescentes e jovens comumente identificados como “em vulnerabilidade social”.

Em relação à estrutura, o estudo se divide nas seções “jovens das camadas populares, lazer e cidade”, abordando autores como Sposito (2003) Dumazedier (2004) e Caldeira (2000). Discute-se também a relação “arte, conteúdo artístico e educação”, trazendo autores como Chauí (2006) e Freire (1981). A partir daí será tratado especificamente das características do estudo de caso e, por fim, a análise dos dados e os possíveis apontamentos a serem considerados, respondendo ou não ao objetivo do estudo.

2. Jovens das camadas populares, lazer e cidade

Primeiramente, optou-se por apresentar os sujeitos da pesquisa, pois a partir de suas singularidades e peculiaridades serão desenvolvidas as reflexões seguintes. Para o presente estudo, por uma questão de operacionalização, será adotado como jovem o conceito proposto por Sposito (2003): os adolescentes de 15 a 19 anos e os indivíduos de 20 a 24 anos, e os especificamente chamados jovens das camadas populares, focando assim, nas relações oportunizadas a estes sujeitos que permitem ou não a eles atuarem como cidadãos, nas regiões empobrecidas do espaço urbano atual.

Sposito, Silva e Souza (2006) apresentam que as políticas para esse grupo no Brasil são sempre pensadas tendo como pressuposto o perigo, a violência que estes jovens podem vir a significar para a sociedade, logo, tem-se que ocupar o tempo deles com ações preventivas, compensatórias, negando o aspecto de “sujeitos de direito” e, portanto, cidadãos. Cria-se, por conseguinte, um estereótipo em torno do jovem pobre, principalmente se for morador de favelas ou demais áreas de ocupação comunitária urbana para moradia. Neste contexto, iniciativas comuns na tentativa de garantir os direitos desses jovens são as ações do chamado Terceiro Setor, a partir da sociedade civil organizada. Deve-se destacar que apenas recentemente (2014) houve a regulamentação de atuação das Organizações da Sociedade Civil por meio de um Marco Regulatório do setor. O Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC) é uma agenda política ampla, que tem como desafio aperfeiçoar o ambiente jurídico e institucional relacionado às organizações da sociedade civil (OSCs) e suas relações de parceria com o Estado.

Com respeito a este tipo de intervenção no atendimento às demandas juvenis, Sposito (2003) coloca que na década de 1990 estas instituições saíram na frente em oferecer projetos para os jovens em processo de exclusão social. O conceito de protagonismo adquire centralidade no discurso institucional. Inclusive em programas de ação direta do poder público se trata de

colocar os participantes numa posição para além de meros usuários, na condição de protagonistas: como aquele que “faz a história acontecer”. Nesse sentido, como, então situar o lazer no contexto das camadas populares? Torna-se fundamental uma compreensão do fenômeno lazer, pois as práticas de educação social dos grupos juvenis se dão eminentemente no contexto de usufruto de uma temporalidade fora das obrigações cotidianas, sejam familiares ou escolares.

Certamente, não é possível assumir o conceito de lazer entendido como “conjunto de ocupações”, proposto por Dumazedier (1979), pois como crítica Faleiros (1980, p.61) este autor “[...] se atém às condições empíricas de manifestação dessas atividades” e, por não aprofundar essa análise buscando a essência da manifestação, a autora complementa que o lazer é percebido como fenômeno “[...] desprovido de caráter histórico, parece buscar o seu conteúdo organizando o mundo da aparência”. (Faleiros, 1980, p.61).

Dessa forma, o lazer das camadas populares será entendido no presente estudo como uma expressão contraditória, mas, sobretudo em sua possibilidade como ação educativa que visa à emancipação humana. No entanto sem instrumentalizar o lazer, como tanto aparece nas críticas a certas práticas dessa manifestação, pois que a sua função, será concomitantemente desinteressada no que tange ao interesse prático-material, mas uma função interessada em promover a emancipação humana, possível através da criação de um “[...] tempo e espaço no e pelo qual os homens poderão por em exercício lúdico toda sua potencialidade crítica, criadora e, acima de tudo, sócio transformadora”. (Mascarenhas, 2005, p. 251). Acredita-se que, um lazer dotado de novo sentido pode transformar o sentido das outras esferas da vida humana, as quais não se entendem no presente estudo como separadas, porém em unidade, formando uma totalidade em constante movimento, tal como se apresenta a cultura e a história humanas.

Tal movimento é percebido também ao se analisar a configuração do espaço urbano, como colocado por Santos (2009, p.181): “a produção do espaço urbano está intimamente ligada ao jogo de interesses entre os seus agentes e partícipes, fruto das relações simbólicas e contraditórias do capitalismo em suas múltiplas facetas”. Assim, ao refletir sobre a cidade e sua configuração é preciso entender que se trata não apenas de arranjos espaciais ao acaso, mas uma organização que retrata a própria dinâmica da vida social. Desta forma, o crescimento econômico observado com

a urbanização brasileira teve como contrapartida para sustentá-lo o desenvolvimento da chamada periferia, completando o padrão de urbanização centro-periferia comentada por Caldeira (2000).

Dessa forma, ao se pensar a influência da configuração deste espaço na própria constituição das camadas populares, percebe-se que se consolidaram hábitos culturais que, para se sustentarem, pressupõe a própria existência de uma periferia, e de uma gama de marginalizados, uma vez que, para relembrar a afirmação inicial, o espaço é moldado pelas relações de tensão entre os atores coexistentes. Dessa maneira, vê-se novamente, afirmada as dificuldades pelas quais passam os indivíduos das camadas populares na apropriação de seus direitos como cidadão na sociedade atual.

3. Arte, conteúdo artístico do lazer e educação

Inicialmente, parte-se para a relação entre arte e filosofia como elemento de legitimação mais usual, considerando toda a complexidade que envolve as relações sociais contemporâneas e, portanto, também da arte como manifestação humana.

Destacadamente, Chauí (2006) apresenta a estética como um ponto de vista filosófico que, comumente se tem usado para investigar os fenômenos artísticos, no qual a arte tem sido concebida como “atividade humana autônoma”, fruto da sensibilidade, inspiração e imaginação do artista cuja finalidade é contemplativa, não-utilitária onde o artista busca o belo, e o público julga a beleza atingida pela obra através do seu juízo de gosto; a arte está atrelada preponderantemente à beleza, e além desta força do belo também à originalidade do artista, não apenas à imitação da natureza (Chauí, 2006).

Tal concepção será adotada no presente estudo, conquanto faz-se necessário esclarecer um outro conceito presente na definição que é o juízo de gosto, conceito Kantiano, que não deve ser entendido aqui de forma relativista, mas como algo intrínseco ao próprio Homem. No presente estudo este conceito será empregado no sentido que revela Nunes (2008, p.49), ao analisar este

conceito de Kant como a “[...] satisfação interior, desinteressada, de caráter contemplativo [...]” justamente por ser o gosto uma capacidade que o receptor exercerá. O autor lembra ainda que “são fatores sociais que determinam o mecanismo do gosto”. (Nunes, 2008, p. 94). Considerado apenas desta forma induziria à atitude de relatividade. Entretanto, Kant (citado por Nunes, 2008) acrescenta que as capacidades de sentir e pensar são inerentes a todos os homens, assim, o que será influenciado pelas condições sociais, é a ação do sujeito de emitir ou não o juízo de gosto.

Neste sentido, entende-se a relação entre arte e lazer como aquela na qual a experiência e o conhecimento dizem respeito ao “imaginário, emoções e sentimentos” e a busca destas experiências de elevação estética no tempo disponível ou tempo livre. O conteúdo da arte é eminentemente estético e configura a busca da beleza e encantamento. Em todas as manifestações artísticas no tempo livre (Marcellino, 2006, p.18) observa-se um grande potencial educativo para a apropriação da arte como forma de lazer, principalmente para os jovens das camadas populares. Pois como coloca Coli (2007, 128), “[...] o rádio, disco, a reprodução em cores são, para muitos dentre nós, o único veículo que permite chegar à arte e nos familiarizarmos com as obras”. No contexto das atuais tecnologias da informação e comunicação, este acesso às artes contradiatoriamente parece ao mesmo tempo mais próximo e mais distante: pode estar nos celulares dos jovens, mas ao mesmo tempo distante de seus interesses. E, considerando esta questão, trabalhar a iniciação à arte partindo do pressuposto desse contato nos seus momentos de lazer pode ser muito mais efetivo, com atividades diversas e que sejam construídas pelos próprios jovens.

Para tanto, Freire (1981) coloca que a ação educativa empreendida deve visar à liberdade dos indivíduos, no sentido de fazê-los entender a sua própria capacidade criadora e, então, se desenvolver. E, para isso, é preciso partir do contexto dos sujeitos que, ao problematizá-lo, o desconstroem para depois o construir criticamente. Para tal, é preciso ultrapassar o entendimento de que os jovens das camadas populares são uma ameaça, um perigo à sociedade, e encará-los como sujeitos humanos, e assim buscar o resgate de sua própria humanidade, omitida a eles pelas relações sociais de dominação e domesticação estabelecidas.

Ao encarar os jovens das camadas populares dessa forma, a arte deixa de ser algo apenas para os “iluminados”, os “cultos”, ou como colocado por Bourdieu (2007) aqueles com acúmulo de capital cultural, oportunizado

graças a relações de poder que garantem essa distinção, pois que, o determinante para a arte é a apropriação das técnicas, das condutas historicamente produzidas material e simbolicamente que serão objetivadas em uma obra artística (Nascimento, 2010).

Assim, reflete-se, se o jovem das camadas populares tem acesso apenas aos instrumentos que condicionam a manifestação *funk*, ou um desenho animado na TV, ou ainda, apenas ao universo da periferia no qual está inserido e as relações que aí se estabelecem, a forma como este sujeito se objetivará humanamente está determinada por estes instrumentos. Mas, se por outro lado, for propiciada a apropriação de outros instrumentos (a técnica teatral, por exemplo), fazendo com que este indivíduo estabeleça outras relações com a sua realidade, também a afirmação da sua essência humana se objetivará condicionada por outros elementos.

Portanto, a relação entre os jovens das camadas populares e a arte, com estes sujeitos expressando sua própria condição humana, pode se configurar como um momento singular para o entendimento de sua essência como sujeito humano. Freire (1981, p.41) coloca que o conhecer, é “[...] um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação [...]”. Assim, também o conhecimento artístico por parte desses jovens torna-se transformação de si e da realidade na qual se inserem, fazendo-os, por fim, desenvolverem seus potenciais enquanto sujeitos. Com tal desenvolvimento, os sujeitos podem vislumbrar, inclusive, outras possibilidades de melhoria para as suas condições materiais ao se apropriar da arte como forma de lazer e também como forma de trabalho – mesmo não sendo este o foco do estudo, podendo vir a se tornar o que Limeira (2008) denomina como “empreendedor cultural” que não sendo o artista – produtor de arte, nem o público consumidor de arte – é o mediador. Portanto, este jovem também pode vir a ser o sujeito que mobiliza recursos criativos, artísticos e econômico-financeiros, visando a criação, organização, gestão e sustentação de empreendimentos culturais.

4. Caminhos metodológicos

A coleta de dados do estudo de caso (Dencker, 2003) se desenvolveu em dois momentos: primeiro, a pesquisa bibliográfica e documental, sendo as fontes primárias consultadas: os relatórios da realização de ações, reportagens da entidade (impressas e em vídeo), documentos institucionais (ata de fundação da organização e de reuniões periódicas de sua gestão, regimento interno, estatuto). Segundo, a pesquisa de campo (Lakatos, Marconi, 1991) na qual se adotaram as técnicas de grupo focal e entrevista não estruturada.

O grupo focal foi trabalhado com um coletivo de participantes das atividades artísticas, selecionados a partir de alguns critérios que são: a participação não-esporádica nas duas oficinas de dança e teatro, ser jovem com idade entre 16 e 24 anos, se caracterizando assim como uma amostra não-probabilística intencional (Richardson, 1999).

A coleta aconteceu em uma sessão num domingo à tarde, dia em que é possível reunir todos os jovens com tal perfil na entidade, que são sete. Mesmo assim, dois dos jovens não compareceram, um porque atua no programa Escola da Família, no qual tinha que ficar até às 17h naquele dia, e o outro, porque estava trabalhando como pedreiro e não pode interromper o seu expediente, mesmo tendo confirmado sua presença anteriormente. Para registrar a coleta de dados utilizou-se a gravação de áudio, com posterior transcrição da discussão, tentando conservar, ao máximo, a forma de falar dos participantes. Então, a análise do conteúdo aconteceu destacando-se as falas mais significativas de acordo com os objetivos do estudo e literatura trabalhada.

As entrevistas não-estruturadas aconteceram separadamente com dois dos dirigentes da instituição, o presidente e o diretor tesoureiro, pois são estes, na prática, os que atuam efetivamente na gestão da entidade – critério de seleção – ao acompanhar o planejamento e a execução das ações. O dia acordado para o acontecimento foi uma terça-feira à tarde, justificado pelos próprios dirigentes como um dia de menos atividade na organização, e por isso, mais viável.

5. Contexto da Pesquisa: Mauá, o Bairro e o “Espaço da Arte”¹

O contexto no qual se insere o presente estudo é da cidade de Mauá, na região metropolitana de São Paulo, conhecida como Grande ABC. Atualmente, a cidade tem como principal atividade econômica a indústria (Mauá, 2010). A população totaliza, conforme dados SEADE (2009), 421.167 habitantes, dos quais cerca de 17% são de jovens e adolescentes (SEADE, 2009).

Pensando-se especificamente no lazer destes sujeitos, o município de Mauá possui ínfima quantidade de equipamentos de lazer, dentre os quais um *shopping center* no centro da cidade que é, possivelmente, o local mais frequentado pela maioria da população considerando as diversas faixas etárias.

Quanto a sua configuração espacial, Mauá possui cerca de 80% do seu território formado por áreas muito íngremes e nas encostas de morros, conforme dados do Ministério das cidades (Brasil, 2007). Por sua vez, são estes os locais mais ocupados pela população das camadas populares, cuja renda não possibilita a compra de uma casa pelas vias legais. O bairro no qual se deu o estudo é um dos maiores em extensão no município e sua ocupação iniciou-se em 1960, com a explosão demográfica e falta de políticas públicas voltadas à população das camadas populares e também ao urbanismo (Brasil, 2007).

A instituição estudada, o “Espaço da Arte” se instala no local em 2001, se institucionalizando como organização do Terceiro Setor cuja missão é promover a cultura e educação de crianças e adolescentes por meio da arte, contribuindo de forma significativa para a melhoria de sua condição de vida e se comprometendo, por isso, a desenvolver um trabalho de arte-educação, privilegiando a qualidade humana e o acesso à arte por parte das pessoas que denominam “em situação de vulnerabilidade”. Conforme o Plano de Trabalho da instituição referente ao ano de 2010, as suas principais atividades e programas são: a) de caráter assistencial: Renda Cidadã e Distribuição de alimentos; b) de cunho artístico: o Programa Ponto de Cultura, o qual faz parte do Programa Cultura Viva

do Governo Federal; o Programa Núcleo de Teatro, ação voltada à iniciação artística tendo como público crianças desde os 8 anos, até os jovens com mais de 18 anos; os Ensaios dos Espetáculos do Grupo, espécie de continuidade do Núcleo de Teatro, para quem deseja se aprofundar no conhecimento artístico – grupo amador de teatro e dança flamenca; o Programa de Artes Plásticas tem uma dinâmica de funcionamento muito parecida à do Núcleo de Teatro, pois trata-se também de um curso de iniciação, mas às artes plásticas, tendo como público-alvo indivíduos a partir dos 7 anos de idade.

O resultado disso, essa mistura entre os programas assistenciais e artísticos, é a abertura das atividades artísticas para mais pessoas da comunidade o que se configura como algo bastante benéfico, no sentido de colaborar com a formação cultural destes indivíduos. Entretanto, outro resultado não tão benéfico é a tensão que se instaura: as crianças ou adolescentes provenientes das famílias beneficiárias de um desses programas assistenciais acabam participando das atividades artísticas, pelo menos inicialmente, apenas para não perderem um benefício financeiro e não porque efetivamente estão interessados pela atividade, o que pode causar conflitos na execução das oficinas.

6. Contextualização dos sujeitos da pesquisa

Primeiramente, os nomes utilizados para designar os sujeitos, assim como se fez com a instituição, são nomes fictícios a fim de resguardar a sua privacidade como assegurado no termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos participantes. São eles: Armando - 19 anos, estudante de marketing, diretor tesoureiro da instituição até 2013. Além de desenvolver essa função, também participa dos ensaios dos espetáculos do grupo amador de teatro e da dança flamenca; Rogério - 46 anos, professor de educação artística, presidente da instituição até 2013. Além dessa função, também é o diretor dos espetáculos de teatro e dança desenvolvidos pelo grupo amador, os quais participaram das entrevistas não-estruturadas.

E os participantes do grupo focal: Kamila - 24 anos, atriz, moradora da comunidade estudada, participa das oficinas de dança e teatro há quase 10 anos na instituição, além de participar do grupo amador, e já ter exercido a função de monitora nas oficinas de teatro para crianças; Jonatan - 24 anos, ator, participa da instituição também há cerca de 10 anos. Faz parte do grupo amador de teatro e exerce a função de monitor nas oficinas de teatro e artes circenses para as crianças da entidade; Albina - 20 anos, estudante de letras, participa das oficinas de dança, teatro e do grupo amador, há cerca de 2 anos. Já exerceu a função de monitora numa atividade chamada “espaço lúdico” na instituição; Catarine, 16 anos, estudante do ensino médio, participa do grupo amador e das oficinas de dança e teatro na instituição há cerca de 1 ano e meio e Brenda - 16 anos, estudante do ensino médio, participa do grupo amador e das oficinas de dança e teatro na instituição, também há cerca de 1 ano e meio. É importante salientar que todos esses jovens começaram a fazer teatro em projetos sociais, da prefeitura ou da própria instituição estudada devido às suas condições socioeconômicas.

6.1 - Sentidos dados pelos gestores à ação: planejamento, objetivos, papel da arte e resultados percebidos

Após a análise do conteúdo das entrevistas foi possível perceber a existência de um planejamento feito entre os

gestores e aqueles que executam as ações, chamados por eles de “educadores” - jovens da instituição que participam a mais tempo do grupo amador e também das oficinas de dança e/ou teatro. De fato, há um dado de protagonismo muito forte dos jovens. Entretanto, percebe-se que o que é determinante para a execução das ações são as próprias vivências e habilidades dos “educadores”, a partir das quais eles desenvolverão atividades.

Dessa forma, o que é possível pontuar é que a flexibilidade que demonstram ao afirmarem que “algumas coisas vão acontecendo no meio do caminho”, parece ser associada à própria capacidade criadora dos “educadores” que são, na verdade, os jovens que dominam as técnicas artísticas desenvolvidas na instituição. Tal ideia pode ser positiva, no sentido de que estes jovens conseguem criar novas estratégias frente às dificuldades que se apresentam na execução das ações. Entretanto, contraditoriamente, isso denota também a falta de profissionalização da ação que, por não ter um planejamento claro acaba enfrentando diversas dificuldades que levam ao imprevisto e, restringem a possibilidade de uma avaliação sistemática, encaminhando a entidade a uma situação de “tentativa e erro” na execução de seus projetos.

Quanto aos objetivos, apesar de não se perceber claramente os objetivos dos gestores quanto ao trabalho com os jovens, o que se pode perceber é um forte estímulo para que, tais indivíduos vivenciem a prática artística (seja no teatro, na dança ou nas artes plásticas) desde crianças. Entretanto, ainda se observa, também, uma certa mistura entre os projetos, não se sabendo, ao certo, qual é focado naqueles que gostariam de desenvolver a arte como uma possibilidade no seu lazer e aqueles que gostariam de atuar como amadores ou profissionais, encarando a arte como um trabalho. No que se refere ao papel da arte dentro da instituição na visão dos gestores, o que se pode constatar, primeiramente, é a centralidade das questões artísticas dentro da instituição de maneira que é a arte a norteadora de todas as ações. Entretanto, a arte, em específico o teatro e a dança, ora se manifesta com foco no espetáculo a ser criado – no caso, por exemplo, quando Armando fala a respeito do intuito de fazer um espetáculo “diferente” ilustrando a realidade local. E em outros momentos, se manifesta como um instrumento de transformação do sujeito humano, como coloca Rogério durante a entrevista, não necessariamente através da montagem de um espetáculo.

E finalmente quanto aos resultados, o que se percebe é que, como o planejamento é flexível, também a avaliação destes resultados é flexível, não havendo, na

verdade, um instrumento de avaliação das atividades. Dessa maneira, os resultados são realmente percebidos. E essa percepção se dá, de acordo com o diretor tesoureiro, numa avaliação sempre feita ao final do ano, entre “educadores” e gestores, entretanto sem a existência de algum formulário ou acompanhamento escrito, por exemplo.

Assim, os gestores destacaram duas questões percebidas: primeiro, o engajamento dos jovens nas ações e na organização, podendo levá-los, inclusive, a se tornarem gestores, e a segunda, o reconhecimento dado pelas pessoas – participantes ou familiares – à importância de se participar de atividades artísticas para o complemento da formação do sujeito.

Sendo assim, a questão a se levantar após a discussão dos resultados desencadeada pelos gestores é a percepção limitada que se tem a respeito dos próprios resultados devido à ausência de uma avaliação sistemática com critérios e instrumentos estabelecidos. Ao se pensar no contexto e nas dimensões do trabalho realizado, percebe-se que há certamente outros resultados mais objetivamente mensuráveis, no entanto, o que não há é o acompanhamento por parte da entidade para identificar esses resultados.

6.2. Sentidos dados pelos jovens participantes à ação: trajetórias, percepções, motivações e expectativas

Quanto às trajetórias de cada jovem, abordadas no grupo focal, primeiramente, o que se observa é uma semelhança no que se refere ao local e ao motivo que os levaram aos cursos de iniciação artística. Quanto ao local, geralmente projetos de iniciação cultural da prefeitura, com tempo de duração determinado pelos anos de mandato e cujo objetivo principal acaba sendo o de ocupar “positivamente” o tempo desses indivíduos. Quanto ao motivo que os levaram a começar nesses projetos, prioritariamente, aponta-se a busca por atividades de lazer, que depois os levou às atividades do grupo amador de teatro no “Espaço da Arte”. Sendo assim, o que se observa ao debruçar-se sobre a trajetória desses jovens é o fato de surgirem desejos diferentes quanto à arte. Apesar disso, encontram-se em um ponto comum de sua trajetória, pois dentro da organização todos fazem parte do grupo amador, encenando o espetáculo “Auto da barca”, citado várias vezes pelos indivíduos. Reforça-se então que, apesar de alguns terem o interesse de trabalharem com a arte, o que se vê em sua atuação dentro da organização, exceto aqueles que atuam como “educadores”, são os jovens frequentando as atividades aos fins de semana, ou seja, no momento em que não estão no seu empre-

go formal ou na escola, ou mesmo em cursos, para os que fazem. A este respeito, então, pode-se dizer que tais jovens ainda atuam na instituição predominantemente no momento de lazer.

A respeito das percepções acerca do trabalho desenvolvido, a primeira observação possível de se fazer é que os jovens participantes do grupo focal se sentem também responsáveis pelo trabalho desenvolvido. Essa responsabilidade acontece tanto no estabelecimento de normas, de tomadas de decisão, quanto na ideia de que devem contribuir para o crescimento da instituição.

De forma geral, os sujeitos acabaram revelando que a arte, partindo da experiência dentro da instituição, é uma manifestação que exige o domínio de outros códigos (precisa de um “compromisso”; maneira de fazer mais “sensível”), e que, no entanto, não perde seu caráter de possibilidade de lazer, principalmente para aqueles que não querem ser artistas. E, ao mesmo tempo, percebe-se uma relação bastante forte, estabelecida pelos sujeitos, entre lazer, prazer e não-compromisso. Tais aspectos foram, inclusive, para muitos deles, fatores de diferenciação entre arte e lazer, destacadamente, o compromisso.

A fim de desvelar os aspectos das motivações e expectativas na fala dos jovens, foi lançada, quase ao fim da discussão, a seguinte pergunta: “Como vocês acreditam que podem contribuir com o mundo”? Com as respostas à esta questão foi possível chegar aos dois aspectos citados antes.

Assim, das questões levantadas pelos jovens como expectativas em relação à arte, vê-se destacada a função transformadora da arte que é, ao mesmo tempo, a expectativa desses indivíduos em relação aos resultados da arte nas suas vidas e também nas dos outros, além de ser aquilo que os motiva a continuarem fazendo arte, pois esperam transformarem e serem transformados por meio da arte.

De tudo o que foi colocado, e percebendo a frequente utilização da palavra “amor” na fala de todos os sujeitos como um diferencial no desenvolvimento das ações que geram transformação nos indivíduos reflete-se: poderia o uso da palavra “amor” está vinculado ao fato dos jovens se reconhecerem como sujeitos humanos nas atividades realizadas, terem se apropriado da arte?

Considerações Finais

O presente estudo partiu, a princípio, de 3 hipóteses quanto à influência que a participação nos projetos de arte e educação social da organização do terceiro setor exerceria sob os jovens das camadas populares: 1. o fato da instituição assumir um papel de mediadora entre o conhecimento sobre a arte e os jovens das camadas populares numa perspectiva de transformação social; 2. o conteúdo artístico vivenciado como lazer, por meio das oficinas de dança e teatro na entidade, contribui para que os jovens das camadas populares se apropriem da arte, inclusive como forma de lazer, 3. os jovens das camadas populares participantes destas atividades entendem a instituição estudada como um local onde podem criar e se expressar livremente, o que cria um sentimento de pertença ao grupo e como se sentem capazes de produzir arte, se mobilizam tornando-se multiplicadores do conhecimento sobre a arte apropriada nas oficinas da entidade.

A primeira hipótese foi corroborada, pois a instituição, pela sua própria história de transformação por meio da arte, tem como objetivo trabalhar nessa perspectiva, como assumiu o presidente da entidade. É interessante reforçar que isso ocorre, tanto através das oficinas, nas quais os jovens se apropriam de uma técnica artística, ampliando suas possibilidades; quanto nas temáticas desenvolvidas nos espetáculos teatrais, por exemplo, nos quais se propõe a reflexão da própria realidade da comunidade local, tornando possível a problematização de seu contexto, tal como colocado antes, e ao aprofundar o conhecimento desse contexto encontrar soluções para os próprios problemas da realidade dos sujeitos.

Quanto à segunda hipótese, percebeu-se que essa foi em parte corroborada. A hipótese se corrobora no sentido de que, realmente, a forma como é oportunizada a vivência do conteúdo artístico através das oficinas na entidade, contribui para a apropriação da arte, tanto como lazer quanto como trabalho. No entanto, isso ainda acontece de uma forma bastante focada na retroalimentação do grupo amador, como salientado várias vezes durante o estudo. Isso ocasiona, a vivência do conteúdo artístico ainda prioritariamente para aqueles que querem fazer “aula” de teatro ou dança, ou artes plásticas e, com ênfase

se menor, para aqueles que gostariam de assistir a um espetáculo, ou participar esporadicamente de uma atividade cujo cunho fosse artístico dentro da comunidade. Claro que se observam algumas ações nesse sentido, mas ainda bastante restritas a encerramento das atividades ao final do ano. E o que se percebe é que um programa focado nessa necessidade poderia inclusive minimizar conflitos entre aqueles que querem trabalhar no universo da arte e aqueles que querem apenas fruir desse conteúdo em seu tempo de lazer.

Quanto à terceira hipótese, percebe-se que foi corroborada. A instituição se propõe a trabalhar de uma forma diferenciada, propiciando aos jovens tornarem-se sujeitos no seu próprio processo de desenvolvimento. Dessa maneira, é frequente ver jovens participantes assumindo a função de “educadores”, como foi colocado, tendo, assim, uma apropriação diferenciada daquele conteúdo artístico do que inicialmente se esperava. Ao mesmo tempo, é inegável, que muitos jovens também se engajam na instituição motivados pela sociabilidade oportunizada, num movimento no qual tais sujeitos não apenas encontram outros com os mesmos interesses, mas produzem coletivamente interesses semelhantes, ressignificando com a arte também o seu papel enquanto sujeito na realidade em que vive.

Por tudo o que foi colocado, em suma, iniciativas como a do “Espaço da Arte” podem contribuir enormemente para a apropriação da arte, inclusive como possibilidade de lazer para os jovens das camadas populares, desde que partam do pressuposto de considerar esse jovem como sujeito na ação, não apenas como um indivíduo “atendido”. Mas, acima de tudo, percebe-se também, a necessidade dessas ações tornarem-se profissionalizadas, conseguindo mensurar seus resultados e dar maior qualidade e eficiência ao trabalho. Outra necessidade observada foi a de auto sustentação da instituição. Percebeu-se ainda uma dependência do orçamento público para a execução de certos projetos. Aponta-se, nesse sentido, que a organização já possui um grande potencial por ter um grupo amador de teatro e dança (o produto), o que falta, portanto, é o “empreendedor cultural”, tal como apontado anteriormente, aquele que intermedeie o artista e sua obra com o público desejoso de vê-la, alavancando assim recursos financeiros de outras fontes, por meio de leis de incentivo e parcerias privadas, não só para a sustentação da organização quanto do seu pessoal, que ainda trabalha predominantemente de maneira voluntária.

Notas

¹ O breve histórico apresentado sobre a organização é um fragmento da análise realizada sobre sua trajetória desde a fundação como grupo de teatro até sua institucionalização como organização do terceiro setor, a partir de documentos como sua página na internet, ata de fundação, datada de 1997, reportagens (impressas e em vídeo), documentos institucionais (ata de reuniões periódicas da gestão, regimento interno e estatuto).

Referências

- Brasil, Portal do Ministério das cidades (2007). *Experiências de regularização fundiária no Brasil: regularização fundiária no município de Mauá – SP concessão de uso especial para fins de moradia – CUEM Jardim Oratório*. Consultado em 05/08/2010, disponível em <<http://www.cidades.gov.br/secretarias-nacionais/programas-urbanos/biblioteca/regularizacao-fundiaria/experiencias-de-regularizacao-fundiaria-no-brasil/sp/Mauade2007.pdf>>
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP.
- Caldeira, T. (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/ EDUSP.
- Chauí, M. (2006). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ed. Ática.
- Coli, J. (2007). *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense.
- Dencker, A. (2003). Técnicas de pesquisa. In *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo* (pp. 121-136). São Paulo: Futura.
- Dumazedier, J. (1979). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Faleiros, M. (1980) Repensando o Lazer. *Perspectivas*, 3, 51 – 65.
- Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade* (5ª ed). Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (1991). *Fundamentos de metodologia científica* (3ª ed. rev. Ampl.). São Paulo: Atlas.
- Limeira, T. (2008). Empreendedor cultural: perfil e formação profissional. In *Encontro de estudos multidisciplinares em cultura* (pp. 5-28). Salvador: ENECULT.
- Marcellino, N. (2006). *Estudos do lazer: uma introdução* (4ª ed). Campinas: Autores Associados.
- Mascarenhas, F. (2005). *Entre o ócio e o negócio*. Tese de Doutorado em Educação não publicada, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- Mauá, Portal Mauá Virtual. (2010). *A cidade*. Consultado em 05/08/2010, disponível em <<http://www.mauavirtual.com.br/acidade.asp?secao=1>>
- Nascimento, C. (2010). *A organização do ensino e a formação do pensamento estético-artístico na teoria histórico – cultural*. Dissertação de Mestrado em Educação não publicada, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Nunes, B. (2008). *Introdução à filosofia da arte*. São Paulo: Ática.
- Richardson, R. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Santos, C. (2009). A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 1, 177-190.
- SEADE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. (2009). *Área Territorial e População: Dados sobre municípios*. Consultado em 13/09/2009, disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=tabela>>
- Sposito, M. (2003) *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa.
- Sposito, M., Silva, H. & Souza, N. (2006). Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. *Revista Brasileira de Educação*, 32, 238-257.

